

BOLETIM DE CONJUNTURA

68

preços de venda

carteira de encomendas

estudo dos negócios

2012

1º TRIMESTRE

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

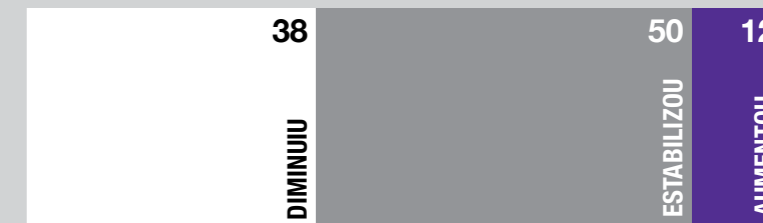
A maioria das empresas da indústria de calçado entende que o estado dos negócios no primeiro trimestre de 2012 permaneceu suficiente, embora se tenha deteriorado face ao passado recente. O abrandamento da atividade que se tinha manifestado no final de 2011 acentuou-se: a carteira de encomendas encurtou, a produção reduziu-se e o nível de utilização da capacidade produtiva baixou, sendo estes problemas sentidos particularmente pelas empresas mais pequenas. O impacto no emprego permanece, no entanto, limitado, com a larga maioria das empresas a não alterar o número de pessoas ao seu serviço.

As empresas mostram-se otimistas quanto ao segundo trimestre do ano, esperando uma melhoria do estado dos negócios assente no reforço das encomendas e da produção e numa tendência de subida dos preços, em Portugal e no estrangeiro.

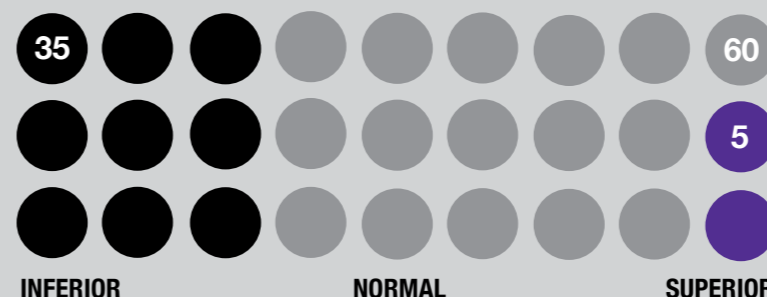
1 - APRECIÇÃO DA SITUAÇÃO DO SETOR NO 1º TRIMESTRE DE 2012

Produção

Apesar de um enquadramento económico muito desfavorável, metade das empresas inquiridas afirmam que a sua produção se manteve inalterada. No entanto, as respostas das restantes apontam para que, neste primeiro trimestre do ano, se tenha acentuado o abrandamento da atividade que foi patente no final de 2011: as que indicaram uma diminuição da produção superaram em 26 pontos percentuais (p.p.) as que afirmaram o oposto.



Utilização da Capacidade



A maioria das empresas (60%) afirmam que o seu nível de utilização da capacidade produtiva é normal para a época do ano mas o abrandamento da atividade é visível no saldo entre as que dizem que aquela é, respetivamente, superior e inferior ao normal, que é negativo em 30 p.p., o nível mais baixo desde meados de 2005.

Carteira de Encomendas

O abrandamento da produção refletiu a evolução da carteira global de encomendas: o saldo entre as empresas que dizem que a carteira aumentou e diminuiu – saldo de respostas extremas (s.r.e.) – foi de -16 p.p., em linha com as previsões pessimistas que as empresas tinham formulado no final de 2011, sendo este já o terceiro trimestre consecutivo com saldo negativo.

Como seria de esperar dado o forte pendor exportador da indústria, a carteira de encomendas do estrangeiro teve uma evolução muito semelhante, com um s.r.e. de -19 p.p., o mais baixo dos últimos três anos. De salientar, no entanto, que este saldo foi bastante mais equilibrado entre as empresas de maior dimensão, pelo que a evolução global da indústria poderá ter sido mais favorável do que este indicador sugere.

Publicação Trimestral editada pela



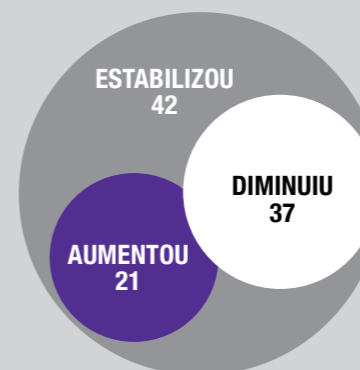
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

Com o apoio do programa COMPETE

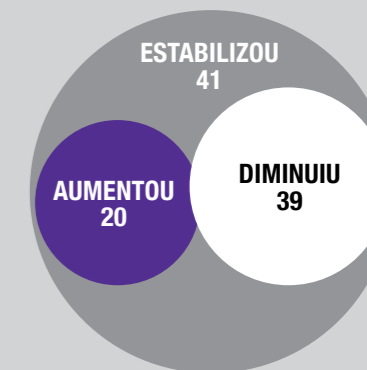
Coordenação Técnica

CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da Universidade Católica Portuguesa, Porto

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



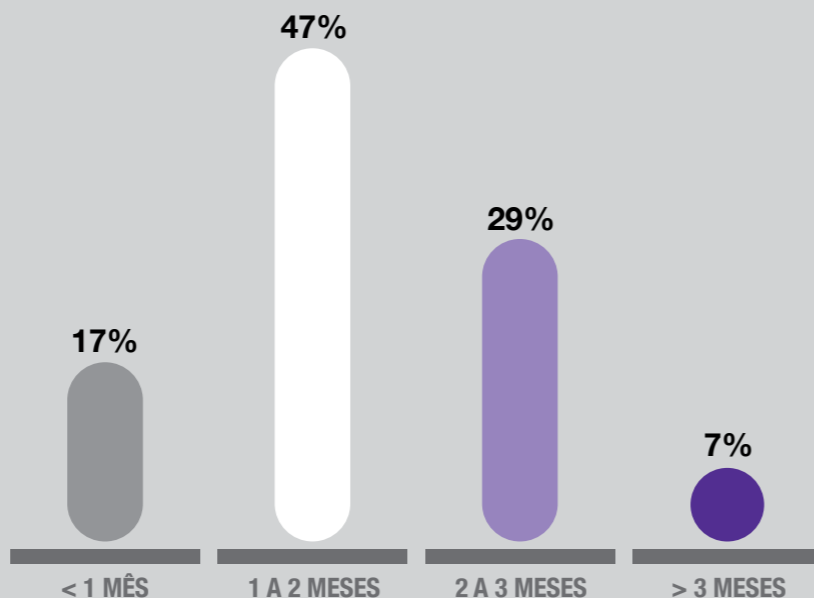
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

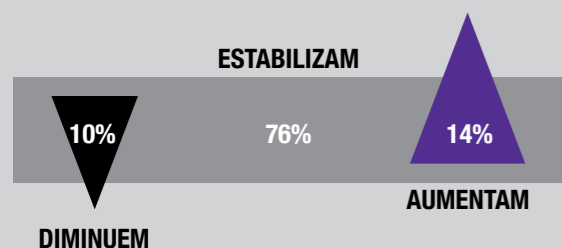
Refletindo o abrandamento da atividade, as empresas que têm dois ou mais meses de produção assegurada pela carteira de encomendas diminuíram para 36%, a percentagem mais baixa dos últimos dois anos. No entanto, mesmo nesta conjuntura desfavorável, as que dizem ter carteiras inferiores a um mês de produção são apenas 17%, valor que não se desvia significativamente do que tem sido habitual ao longo dos anos de publicação deste boletim.



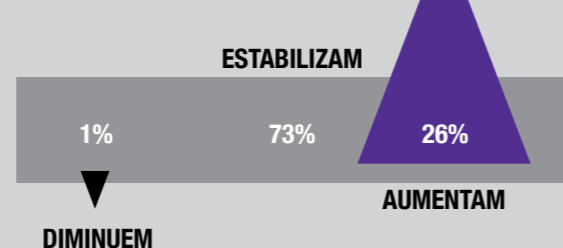
Preços

Depois da interrupção do trimestre passado, o saldo de respostas extremas relativo à evolução dos preços em Portugal voltou a terreno positivo: as empresas que dizem que aumentaram superaram em 4 p.p. as que disseram que diminuíram. No entanto, três em cada quatro inquiridos não registaram qualquer alteração dos preços no nosso país, tal como aliás também aconteceu em relação dos preços no estrangeiro. Neste caso, contudo, o s.r.e. é acentuadamente positivo: as empresas que dizem que os preços no estrangeiro aumentaram excederam em 25 p.p. as que afirmam que diminuíram.

EM PORTUGAL



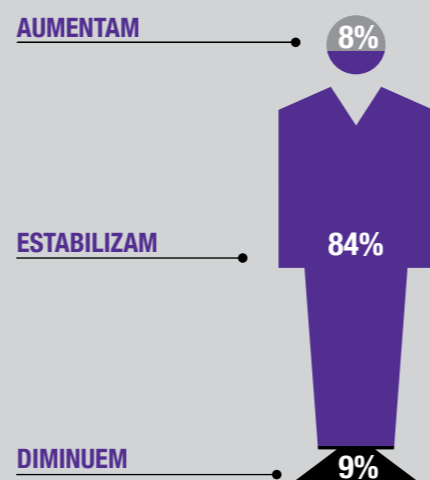
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

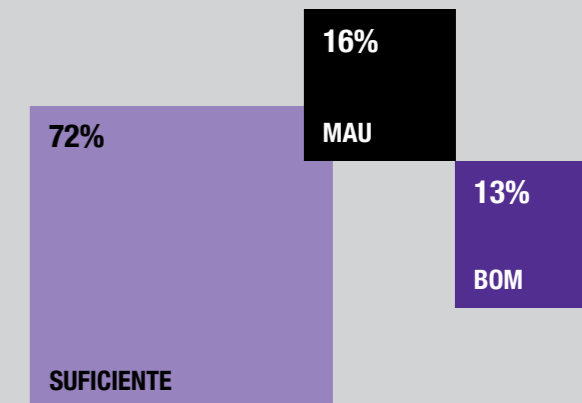
A larga maioria das empresas inquiridas (84%) afirma que o número de pessoas ao seu serviço permaneceu inalterado. Entre as restantes, há uma ligeira predominância de respostas negativas, resultando num s.r.e. de -1 p.p. Também nesta matéria, as respostas das empresas de maior dimensão são mais favoráveis do que as das restantes, pelo que o comportamento global da indústria poderá ter sido mais favorável do que mera contagem das respostas ao inquérito faz antever.



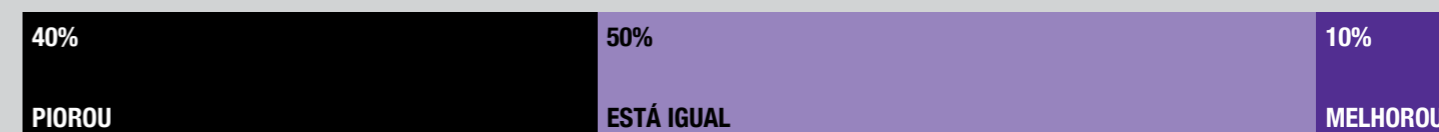
Estado dos negócios

Apesar da difícil conjuntura económica, a larga maioria das empresas inquiridas (72%) considera que o estado atual dos negócios é suficiente. Entre as restantes, as que pensam que o estado dos negócios é mau excedem ligeiramente as que consideram que é bom, resultando num s.r.e. de -3 p.p., o que prolonga a tendência de deterioração deste indicador que se iniciou em meados de 2010.

Esta tendência é particularmente visível quando as empresas de calçado comparam o estado atual dos negócios com o que se verificava no primeiro trimestre do ano anterior: enquanto 40% dos inquiridos pensam que a situação piorou, só 10% entendem que melhorou. O saldo de -30 p.p. daí resultante é o mais baixo desde 2004.



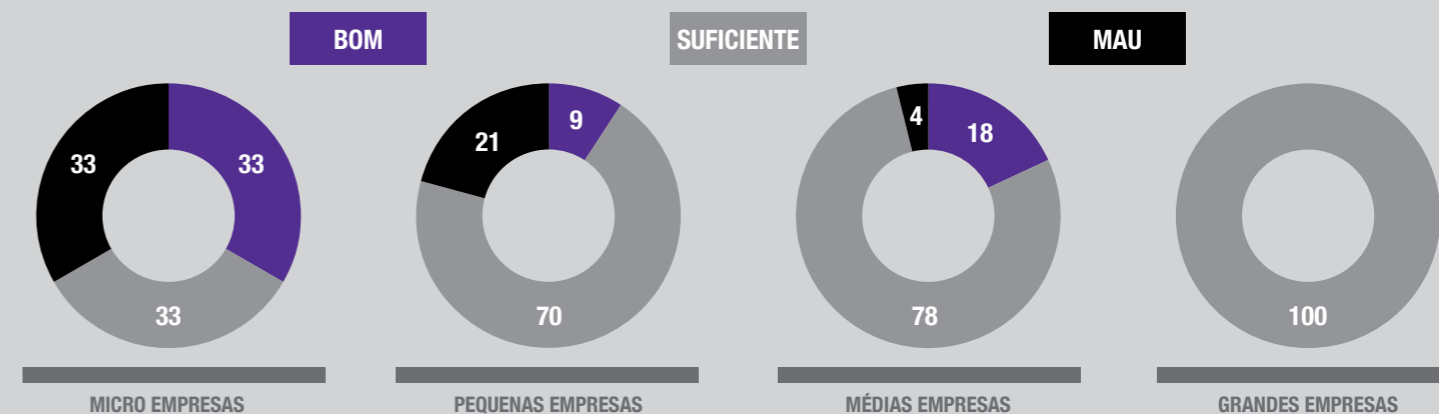
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

Tal como em várias das perguntas anteriormente analisadas, a opinião sobre o estado dos negócios é mais favorável entre as empresas de maior dimensão: das empresas que pensam que o estado dos negócios é mau, 9 em cada 10 são de pequena ou micro dimensão.

Não há, neste trimestre, nenhuma relação clara entre a orientação de mercado ou o peso da marca própria nas vendas e a opinião sobre o estado dos negócios.

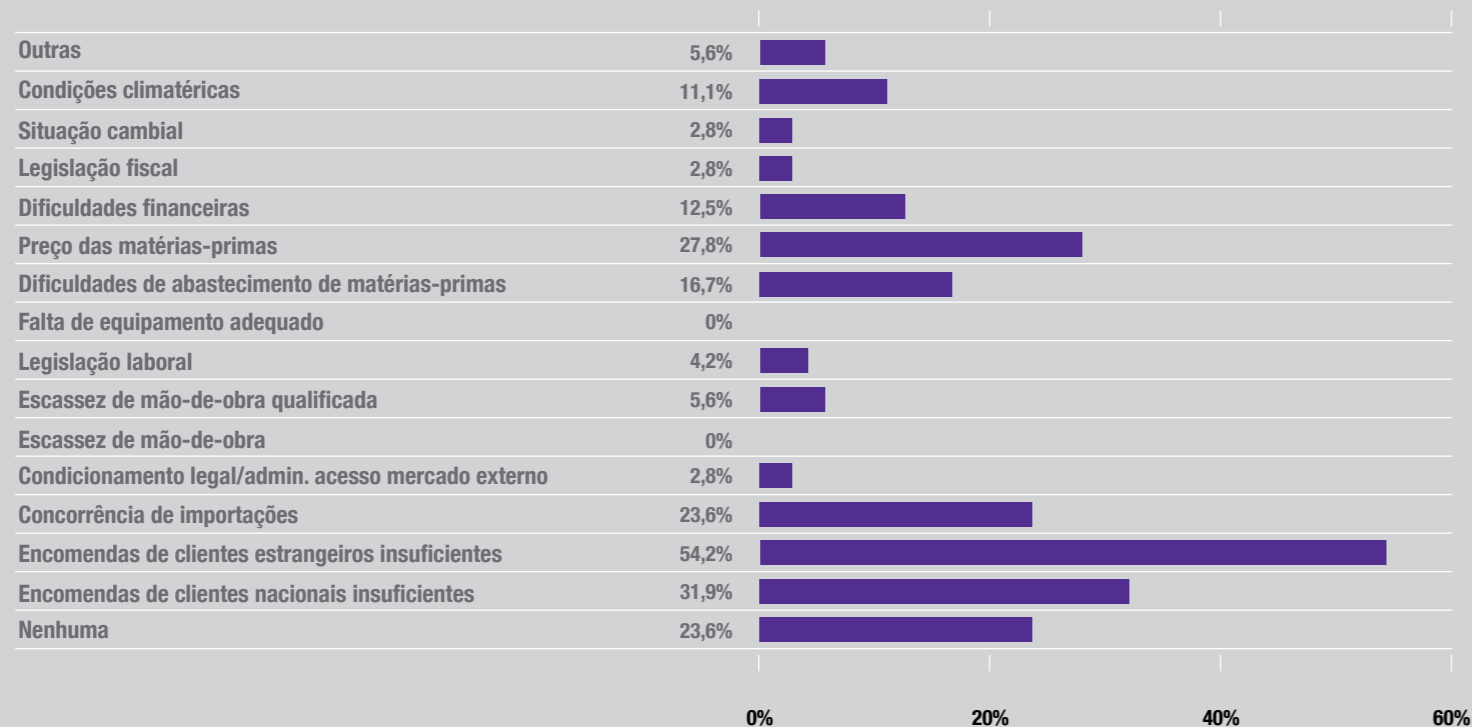


Limitações à produção

A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros foi citada por mais de metade dos inquiridos como uma das suas principais limitações, recuperando assim o papel de principal preocupação da indústria de calçado. A percentagem de referências a este fator, 54%, aproximou-se mesmo dos máximos da ordem dos 60% que atingiu em meados de 2005. As referências à insuficiência de encomendas de clientes nacionais aumentaram mais moderadamente, atingindo os 32%, e as relativas à concorrência das importações voltaram a ultrapassar o limite dos 20%, abaixo do qual tinham caído no segundo semestre de 2011.

Em contrapartida, as referências ao preço das matérias-primas, que lideraram as preocupações empresariais nos últimos trimestres, caíram significativamente, ficando-se agora pelos 28%, o que faz delas a terceira limitação mais citada. As dificuldades no abastecimento de matérias-primas diminuíram, sendo mencionadas por 17% das empresas. O abrandamento da atividade levou igualmente à acentuada redução das referências à escassez de mão de obra que, há cerca de ano e meio, assumiram destaque entre as limitações enfrentadas pela indústria de calçado: no primeiro trimestre de 2012, nenhuma empresa afirmou ter escassez de mão de obra e só 6% disseram sentir escassez de mão de obra qualificada. Nenhuma empresa manifestou preocupação com a falta de equipamento adequado. Entre os restantes fatores sobre que são inquiridas, as empresas dão algum relevo às dificuldades decorrentes das condições climatéricas.

Uma em cada oito empresas declara debater-se com dificuldades financeiras, proporção semelhante à verificada no final de 2011 e que se aproxima dos valores mais elevados já registados neste boletim. No entanto, em sentido contrário, quase uma em cada quatro empresas declara não enfrentar nenhuma limitação à sua produção ou vendas.

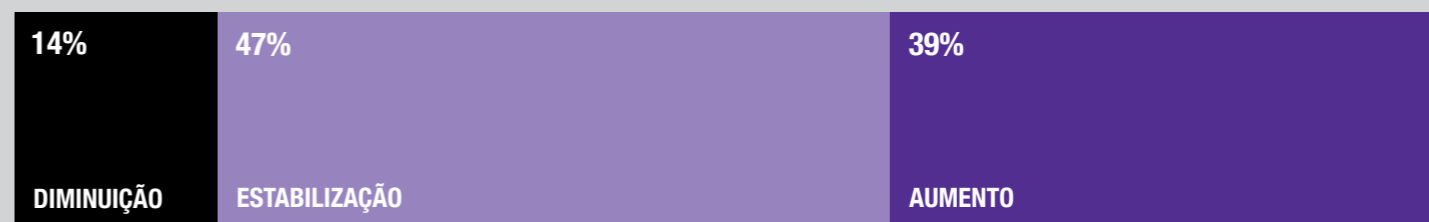


2 - PERSPETIVAS PARA O 2º TRIMESTRE DE 2012

Tendências da produção

Depois da quebra de atividade registada no início do ano, as previsões das empresas apontam para uma rápida recuperação: em matéria de produção, os inquiridos que esperam o seu aumento superam em 25 p.p. os que recebem uma redução, o que constitui o saldo mais elevado desde que se realiza este inquérito.

Cerca de metade das empresas anteveem, no entanto, a estabilização da produção.

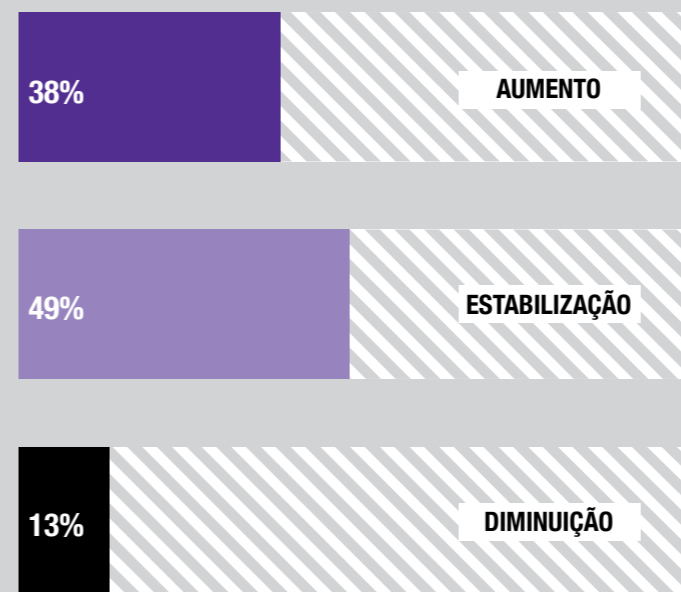


Perspectivas de encomendas

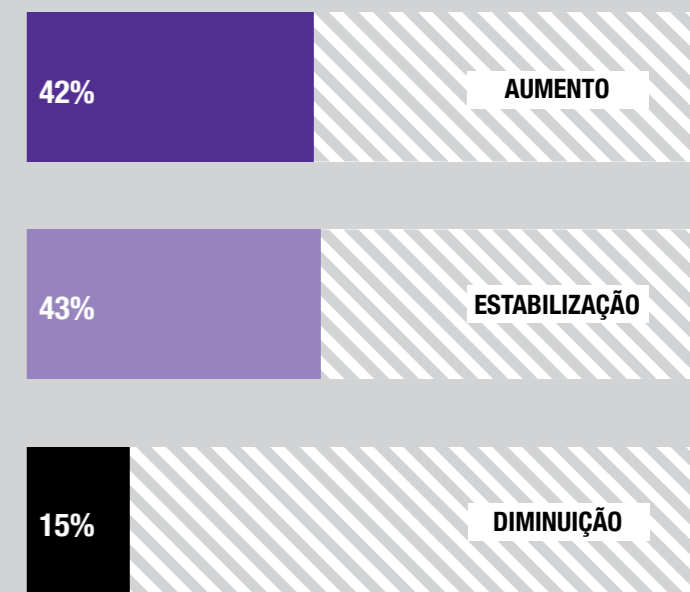
As previsões relativas à produção espelham as expectativas relativas à carteira global de encomendas: 38% das empresas preveem o seu aumento enquanto apenas 13% apontam para a sua redução, originando um s.r.e. de +25 p.p., também o mais elevado desde que se realiza este inquérito. As empresas que vendem exclusivamente coleção própria apresentam, no entanto, um s.r.e. negativo.

As previsões quanto à carteira de encomendas do estrangeiro são ainda ligeiramente mais otimistas, com um saldo de respostas extremas de 27 p.p., sendo, neste caso, a percentagem de empresas que espera o seu reforço (42%) praticamente igual à das que preveem a sua estabilidade (43%).

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTANGEIRO

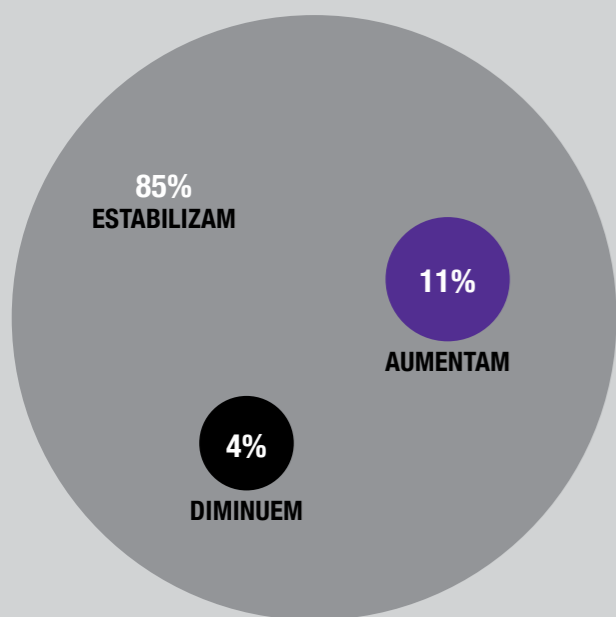


Perspetivas de preços de venda

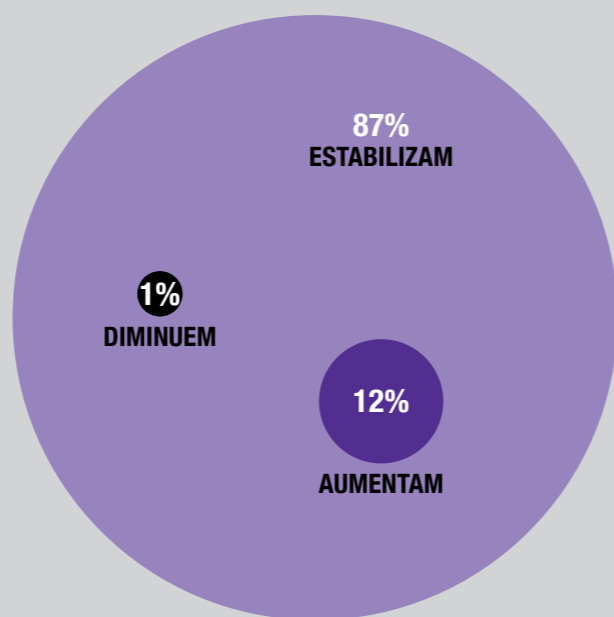
A larga maioria das empresas prevê que os preços permaneçam estáveis, tanto em Portugal como no estrangeiro. Contudo, em ambos os casos, o saldo de respostas extremas é positivo, apontando para uma tendência de subida: quanto ao mercado português, as

empresas que esperam um aumento superam em 7 p.p. as que preveem uma diminuição e quanto aos mercados externos este saldo é mais acentuado, atingindo os 11 p.p. Trata-se, nos dois casos, do oitavo saldo positivo nos últimos 9 trimestres.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

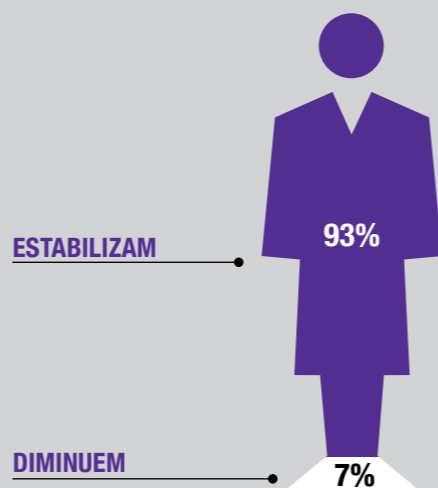


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

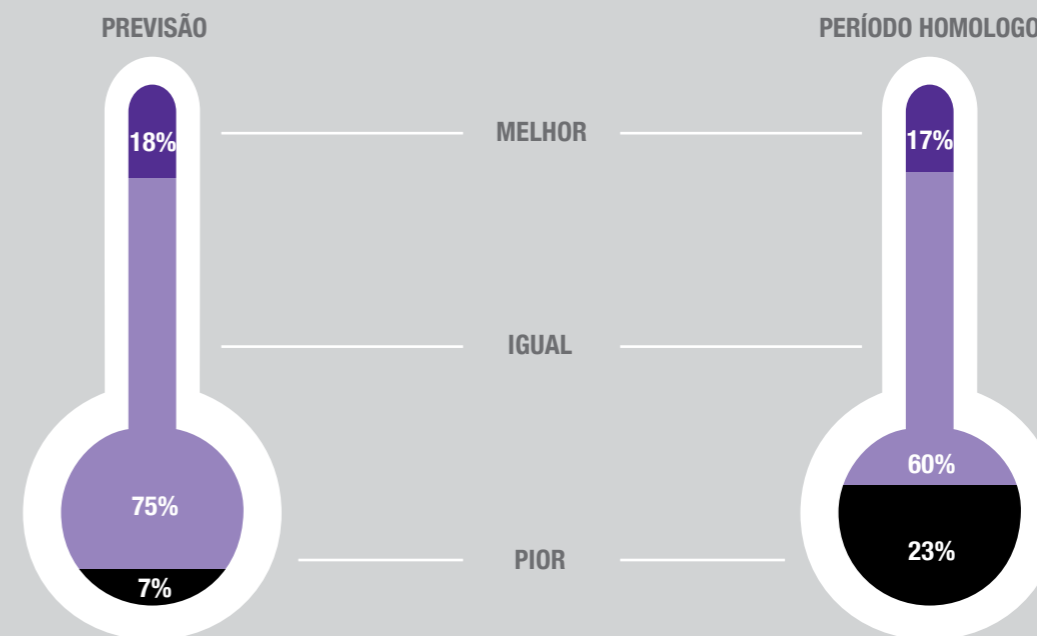
Embora 93% dos inquiridos admitam manter inalterado o número de pessoas ao seu serviço, todos os restantes preveem a sua diminuição, nenhum esperando o seu aumento, pelo que a tendência de evolução do emprego é negativa (s.r.e. -7 p.p.). É entre as empresas mais pequenas que esta tendência parece mais acentuada embora, mesmo nesses casos, longe dos valores muito negativos que atingiu em meados da década anterior.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

Em consonância com as previsões anteriores, as respostas das empresas apontam para uma melhoria do estado dos negócios: as empresas que esperam que o estado dos negócios seja bom superam em 11 p.p. as que preveem que será mau, saldo significativamente melhor do que o registado nos dois trimestres anteriores.

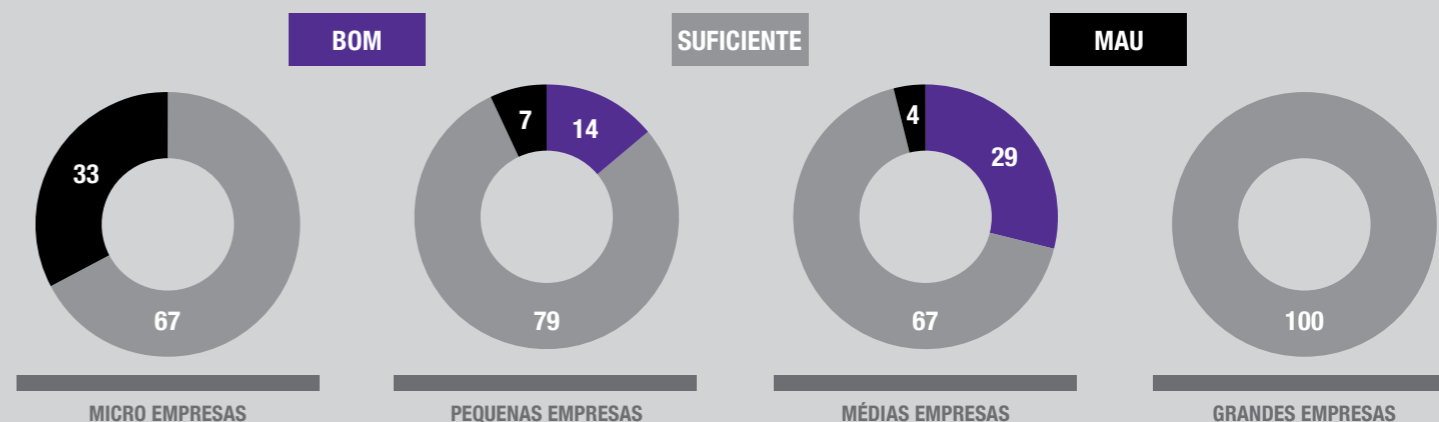
Em termos de comparação com o segundo trimestre de 2011, 60% das empresas acreditam que o próximo trimestre será idêntico mas as que receiam que seja pior excedem ligeiramente as que preveem que será melhor. Ainda assim, este saldo melhorou acentuadamente em relação ao segundo semestre do ano passado.



Apuramento dos resultados

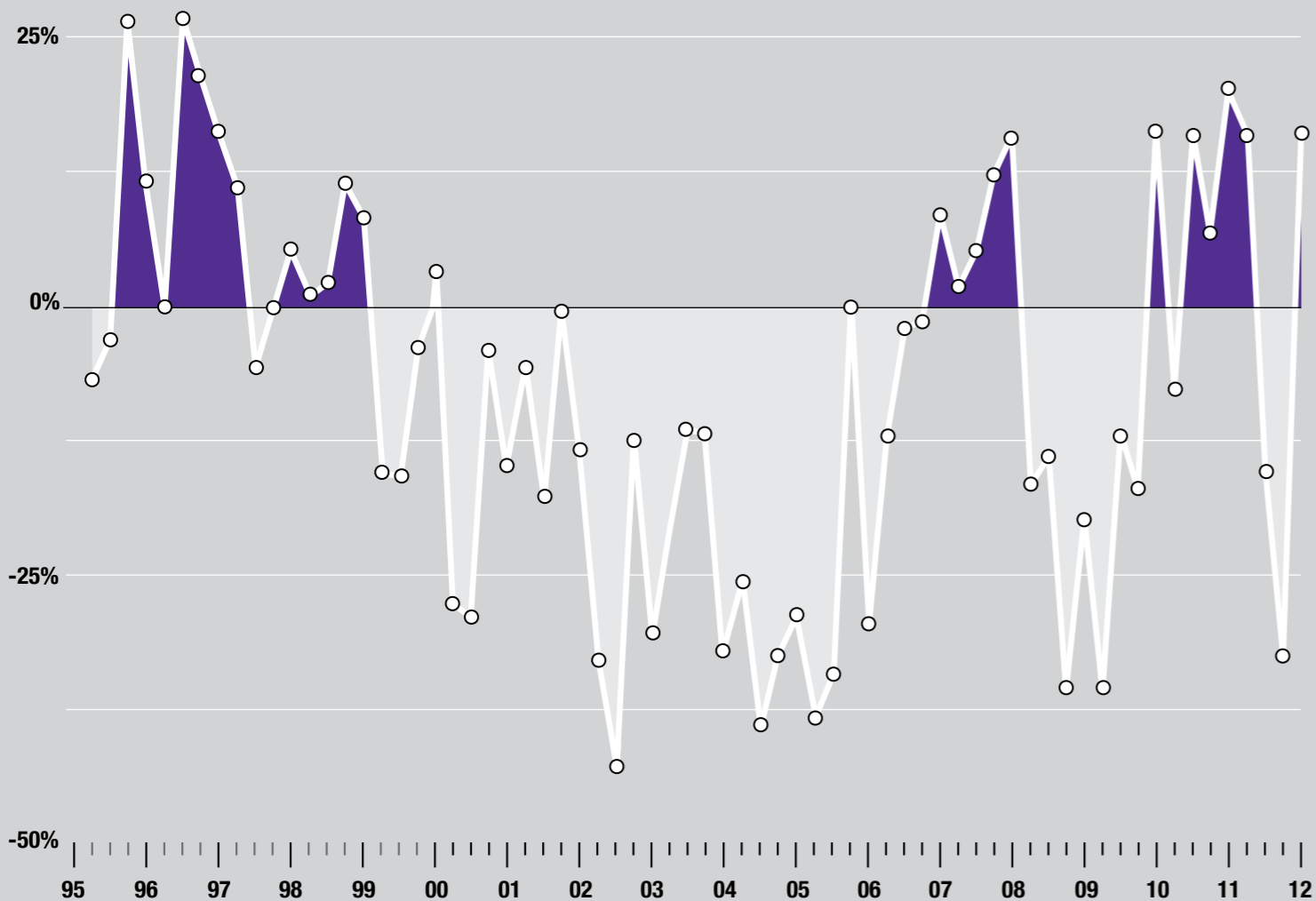
Por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

As previsões quanto ao estado dos negócios estão positivamente relacionadas com a dimensão das empresas: as empresas de maior dimensão estão mais otimistas do que as restantes. As previsões são também mais positivas entre as empresas com menor peso da coleção própria nas vendas.



Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

O indicador síntese das expectativas empresariais reflete o otimismo que caracteriza as previsões empresariais: depois de ter caído abruptamente nos dois trimestres anteriores, em que atingiu os -32 p.p., este indicador recupera agora acentuadamente, para +16 p.p.



Apesar do otimismo das suas previsões, as limitações que as empresas preveem enfrentar no 2º trimestre de 2012 não diferem substancialmente das que indicaram ter enfrentando no trimestre transato. Regista-se apenas que as referências a insuficiência de encomendas de clientes nacionais (28%) são um pouco menos frequentes do que então, tal como também acontece com as condições climáticas (6%).

Em contrapartida, as empresas receiam que a recuperação da atividade seja acompanhada da retoma das dificuldades relacionadas com o preço e o abastecimento de matérias-primas. A percentagem de empresas que esperam não ter nenhuma dificuldade é ligeiramente superior à das que disseram não as ter tido no 1º trimestre.

Notas de Conjuntura

Os dados mais recentes do Instituto Nacional de Estatística revelam alguns indícios, embora ténues, de melhoria da conjuntura. O Indicador de Clima Económico, que procura sintetizar o andamento da economia portuguesa a partir de um conjunto de questões qualitativas colocadas a empresas dos diversos setores, melhorou ligeiramente em março e abril, depois de ter atingido o seu mínimo histórico em fevereiro, interrompendo a quebra iniciada em meados de 2010. Esta melhoria decorreu das respostas na indústria transformadora, comércio e serviços, tendo a construção continuado a evoluir negativamente. Também o Indicador de Confiança dos consumidores, que vinha a cair quase continuamente desde 2009, recuperou um pouco a partir de fevereiro.

Em abril, diversas instituições publicaram análises e previsões para a economia mundial. Em geral, as previsões são muito cautelosas, admitindo a progressiva melhoria da situação mas salientando a existência de grandes incertezas.

O Fundo Monetário Internacional, por exemplo, afirma que:

“Depois de uma forte quebra durante 2011, as perspetivas globais estão gradualmente a reforçar-se mas os riscos negativos permanecem elevados. A melhoria da atividade nos Estados Unidos durante a segunda metade de 2011 e melhores políticas na zona Euro em resposta ao aprofundamento da sua crise económica reduziram o risco de um brusco abrandamento global. Consequentemente, é provável que se verifique uma débil recuperação nas maiores economias avançadas e prevê-se que a atividade permaneça relativamente sólida na maioria das economias emergentes e em desenvolvimento. No entanto, as recentes melhorias são muito frágeis. Os responsáveis políticos devem continuar a implementar as mudanças fundamentais para alcançar um crescimento saudável a médio prazo. (...)”

Prevê-se que o crescimento global caia de cerca de 4% em 2011 para cerca de 3,5% em 2012, devido à fraca atividade na segunda metade de 2011 e na primeira metade de 2012. (...) A aceleração da atividade ao longo de 2012 deverá devolver o crescimento global à casa dos 4% em 2013. Continua-se a prever que a zona Euro caia numa recessão moderada em 2012 em resultado da crise das dívidas soberanas, da quebra generalizada de confiança, dos efeitos da desalavancagem da banca na economia real e do impacto da consolidação fiscal em resposta à pressão dos mercados.”*

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, abril 2012

O FMI prevê que a economia portuguesa caia 3,3% este ano e tenha um crescimento de apenas 0,3% em 2013. As previsões para os principais mercados de exportação do calçado português também não são animadoras: este ano, nenhum deles deverá atingir sequer um crescimento de 1%, devendo a Espanha cair quase 2%; para 2013, as previsões são de crescimento muito moderado, sendo os valores de 2% para o Reino Unido e 1,5% para a Alemanha os mais favoráveis.

Por sua vez, a European Forecasting Network, uma rede de centros de investigação de importantes universidades europeias, diz que:

“Nos primeiros meses de 2012, a economia mundial recuperou um pouco da frágil situação verificada na segunda metade de 2011. (...) Em grande medida, o mérito da estabilização é do Banco Central Europeu que assegurou o financiamento do setor bancário ao oferecer, pela primeira vez, liquidez por prazos até três anos (...) No entanto, é ainda incerto se tudo isto será suficiente para evitar outra crise de solvência num estado membro da zona Euro. (...) Fora da Europa, a situação económica de maneira geral melhorou. (...) Dado que a recuperação nos EUA permanecerá modesta e que a consolidação fiscal manterá as economias da União Europeia estagnadas, e uma vez que a dinâmica de crescimento na China parece estar a perder ímpeto, é provável que a economia mundial se expanda apenas moderadamente em 2012 e prevemos que o comércio mundial cresça pouco mais de 4%.”

No último trimestre de 2011, a produção na zona Euro caiu 0,3%. Entre as maiores economias, só a francesa cresceu (0,2%). As exportações na união monetária também caíram, principalmente devido à queda do comércio dentro da área. A procura interna tem estado a diminuir desde a primavera de 2011.

Os países do sul permanecerão provavelmente em recessão ao longo da maior parte do ano de 2012 (...). As reformas estruturais vão necessitar de tempo para produzir efeitos benéficos e o setor real é quase insensível à política monetária muito expansionista, nomeadamente porque a partir de junho de 2012 as instituições financeiras na União Europeia vão ter que cumprir requisitos de capital mais exigentes. (...) Apesar de tudo, este relatório não prevê uma recessão profunda no conjunto da zona Euro, principalmente porque a procura em alguns estados membros (nomeadamente a Alemanha e, em menor medida, a França) e externa irá crescer moderadamente. Prevê-se que o PIB estagne em 2012. Para 2013, esperamos que a política fiscal seja menos restritiva e que a produção cresça 0,9%.”*

European Forecasting Network, Economic Outlook for the Euro Area in 2012 and 2013, Spring 2012

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE

